Ecclesia

Janeiro de 1951
Ano 3.º
N.º 9

IGREJA DE S. JOÃO EVANGELISTA

VILA NOVA DE GAIA

TEMPLO ERIGIDO EM 1868
PELO BENEMÉRITO DIOGO CASSELS
COM A SACRISTIA ACRESCENTADA
NO ANO FINDO

A 7 de Outubro de 1950 foi o novo edifício dedicado por S. Ex.a Revma. o Senhor Arcebispo de Armagh, Primaz de toda a Irlanda, sendo nele descerrado uma placa de bronze em que se preiteiam os generosos auxiliadores desse empreendimento, nomeadamente as Senhoras D. Edith e D. Mary de Havilland Cassels.

JANEIRO DE 1951 ANO III—N.º 9

Ecclesia

TRIMESTRÁRIO, ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA LUSITANA CATÓLICA APOSTÓLICA EVANGÉLICA

DIRECTOR:
EDUARDO H. MOREIRA
Rua das Janelas Verdes, 32 - LISBOA - Telef. 64729

ADMINISTRADOR:
DANIEL DE PINA CABRAL
Avenida da República, 1118 - VILA NOVA DE GAIA

O "COLLOQUIUM" DE WASHINGTON

REFLEXÕES

DESCULPE o leitor um título em que só uma palavra é nossa, desprezadas as partículas. Mas tem de ser assim mesmo, pois que na cidade evocadora do heroi fundador dos Estados Unidos se realizou uma coisa notável cognominada à latina de "Colloquium", a qual coisa merece os emboras de todos os Portugueses.

Turba-multa de pensamentos me assalta ante o noticiário assás minucioso desse acontecimento, e necessário é pôr-lhes um pouco de ordem para vo-los transmitir, se o merecem. Por isso, iremos responder, o leitor e eu, a várias perguntas que surgem no nosso espírito.

Como foi possível tal coisa se realizar?

Há uma primeira razão, de ordem geográfica e de história hodierna. Começa-se no mundo a destacar da vizinha Espanha o rectângulo S. W. da Peninsula. Certos episódios da última guerra dos continentes criam a necessidade geral do aeroporto lisboeta. O "hemisfério ocidental" da concepção de Franquelin Roosevelt cede o passo à "civilização ocidental" da réplica europeia; e num e noutro caso Portugal e o seu império têm lugar de relêvo.

E como houve ambiente para tal? Bastou que se desse vulto, por meio da propaganda hipertrófica da América do Norte, visando a Biblioteca do Congresso, e o considerável ins-

SUMÁRIO DO N.º 9

O "Colloquium" de Washington	1
Reminiscências e Perspectivas	2
Síntese: A Semântica do Testemunho	5
Florilégio da Oração	7
Maria, A Bem-aventurada	8
Lauda Poética: Poema das mãos	9
Protestantismo e Romanismo	10
Até aos Confins da Terra	11
Ecos dum Movimento	13
O Novo Dogma Romano	14
Forum	15
Qual Cristo	16
O Livro e os Livros	17
Lusogramas	19
Poema de Arato	19
"The Lusitanian Church of Portugal"	20

trumento de cultura que foi oferecido por Oliveira Lima, o mecenas brasileiro, à Universidade Católica da referida cidade. Em volta desses acervos de livros preciosos, e espécies raras mesmo, resolveu-se reunir intelectuais representativos da cultura luso-brasileira e americanos lusófilos. Foi para muitos uma surpreza encontrar entre os milhões de norte-americanos um tão nutrido grupo de eruditos interessados na lingua e no pensamento brasileiro e português.

Consideraremos ainda como se fez a escolha de elementos a convidar e de teses a discutir. Portugal, reduto histórico da Contra-Reforma, é conhecido em todos os centros de informação e de estudo como um país inteiramente católico-romano. De facto, entre nós, até os ateus são romanistas. E os militantes anti-romanos, mesmo que por milagre se unam ou por conveniência estatística os unamos, não passam de uns dois por mil da população. Nunca criámos ambiente para analfabetos nem para intelectuais. Os políticos devem ter tido isso em consideração, lá por fora, ao escolher elementos católicos-romanos, aliás não sabemos se todos praticantes, mas todos colaborantes.

Ora nós pensamos que no Brasil e nas colónias lusófonas dos Estados Unidos teriam encontrado alguns elementos de valor real entre os cristãos não papistas, e alguns poderiamos nós citar de cór; assim como o Brasil nitidamente evangélico poderia enviar uma delegação sua que tratasse com elevação temas que os elementos escolhidos nem sequer afloraram.

Enfim, assim mesmo creio que o "Colloquium" deu um considerável contributo ao intercâmbio do pensamento ocidental — e cristão. E deu, directa e indirectamente, boas lições a todos nós.

Não lhes parece?

REMINISCÊNCIAS E PERSPECTIVAS

UMA espécie de Plano Marshall cristão seria, por exemplo, empregar determinadas somas em edições de reconhecida eficiência e, portanto, de saída relativamente assegurada, e considerar os fundos editoriais como garantes de 75 % das quantias despendidas. Porque enquanto não pudermos contar com uma editorial de certos recursos e certa amplidão, vegetarão a nossa literatura, a nossa cultura geral, a nossa expressão social e a nossa didáctica.

O dogma da assunção de Maria foi definido e proclamado pelo chefe da Igreja Romana e não por um concílio, porque, segundo parece, proclamada no Concílio do Vaticano a infalibilidade papal, tornou-se desnecessário tal concílio. O chefe infalível decreta desde Roma: é Roma que fala e encerra o assunto, como diz o velho prolóquio latino. É certo que houve consultas e que a aceitação do dogma foi **quase** unânime. Esse **quase** duas vezes referido, faz-nos pensar nos dissidentes que terão de se calar para sempre. Que lutas de consciência! Que amarguras de alma! Evoquemos agora esse concílio do Vaticano, que declarou a infalibilidade. Decorreu ele de 8 de Dezembro de 1869 até 18 de Julho de 1870 e dizem alguns canonistas que, não tendo sido encerrado, devido à marcha de Garibaldi sobre Roma, as suas decisões não obrigam. Agarram-se a uma sombra: posição insustentável. Foi nesse concílio que o bispo Strossmeyer fez o célebre discurso, vertido em muitas línguas, impresso em muitas edições, desde a italiana de Florença, e que em

1897 foi publicado em português na cidade de S. Paulo, pela Sociedade Brasileira de Tratados Evangélicos. Merece ainda hoje ser meditado.

Neste mesmo lugar onde referimos há tempos o cinquentenário de obreiro do Rev. Josué de Sousa, referiremos agora o do Rev. Armando Pereira de Araújo, que a 14 de Novembro passado completou cinquenta anos desde que, bem jovem ainda, pregou o seu primeiro sermão, na Igreja de S. João em Gaia. Este caro companheiro de lutas tem uma obra grande de publicidade jornalística e outra, cuja recordação nos torna gratos e a ele deve consolar. Saudamo-lo com afecto e os melhores desejos.

Faleceu há pouco um dos maiores cientistas e beneméritos da Humanidade que o Brasil nos deu: o Dr. Vital Brasil, descobridor do soro antiofídico e fundador do Instituto Butantan, de São Paulo, serpentário modelo. Vital Brasil foi um cristão reformado, que nos honra. De facto ninguém tem que se envergonhar por seguir os princípios que seguiram ainda há bem pouco os dois Roosevelt e Bernardotte, Wilson e Smuts, os Monod e os Sabattier, Henrique Dunant, o da Cruz Vermelha, e Josefina Buttler, a do Abolicionismo; e os que hoje confessam ser cristãos, como Niemoller e Barth; Jorge VI ou Attlee, da Comunidade Britânica, Guilhermina e Juliana, dos Paises Baixos; Truman ou Hoover, dos Estados Unidos; Sibellius, o músico, Lewis o pensador, Kogaua, o "S. Francisco do Oriente", — entre milhares e milhares.

O Professor D. António Pereira Forjaz, em artigo do "Diário de Notícias", de 23 de Outubro, diz com muita graça que os alunos do Colégio dos Nobres usavam a medalha da Senhora da Conceição ao pescoço e faziam actos sob a efígie duma Minerva doirada. Assim se tem vivido entre dois paganismos, pois a medalha de forma alguma representava a Bem-aventurada Maria, que nós respeitamos sem a misturarmos com símbolos pagãos. Não lhes parece isto?

Despercebido (que vergonha!) passou há um ano o centenário do nascimento de um dos maiores evangelistas britânicos em terras de Portugal, e o maior hinólogo na nossa língua: Henrique Maxwell Wright, nascido em Sintra em 7 de Dezembro de 1849. Se o Cónego Pope tem dois hinos de elevada poesia, se o presbítero Chaves nos legou outros dois muito belos, e de Raul Gonçalves nos ficaram três ou quatro jóias poéticas avultando na nossa pobre literatura hinológica, que não irá além do milhar de unidades relativamente aproveitáveis, isto em medida condescendente, a Maxwell Wright devemos muitas dezenas que resistirão à crítica selectiva, à evolução semântica da língua e ao progressivo bom-gosto que há de ir repudiando as rimas banais, e as frases charras. Quanto à operosidade evangelística do saudoso amigo só os arquivos celestes poderão registar em seus abençoados efeitos.

Até parece má-fé dizer que a "via média" anglicana é-o entre o erro e a verdade, entre ser idólatra e não o ser! Ninguém crê que um cristão reformado pense assim. Haja amor e respeito — respeito pelos outros e por nós mesmos. A via média, bem se compreende ser entre as interpretações extremas a que os religiosos são tantas vezes levados por suas paixões sectárias. Por exemplo: entre Beza e Armínio... A verdade absoluta é apanágio divino. O dogma interpretativo dos homens fossiliza-se muitas vezes na fórmula impositiva que fere a sinceridade de tantos. Poderá alguém auxiliar-me a ver o pequenino papa que me impõe o seu pequenino dogma?

Ainda a propósito de S. João de Deus: a Academia das Ciências solenizou, e muito bem, o centenário do Santo português que teve a intuição da psiquiatria moderna. Solenizou-o, e muito bem, repito, apesar de ser uma figura religiosa que passou da Igreja ao mundo profano, e não, como Nunálvares, que passou do mundo profano para a Igreja. Mas agora pergunto eu: porque não teria podido a mesma douta Academia interessar-se por uma edição erudita da Biblia, como paradigma ortográfico, tal como foi declarado em ofício de

30 de Novembro de 1946? Erraram acaso os grandes pensadores que têm considerado as Escrituras Sagradas como um alto monumento literário?

Já lá vão quarenta anos. Quarenta! Augusto de Lacerda, dramaturgo e romancista conhecido e apreciado, no fim do serviço divino da Igreja de S. Pedro, onde fora em busca de lenitivo a dores morais, foi lançar-se nos braços dos Revv. Josué de Sousa e Júlio Bento da Silva, afirmando-se convertido ao Evangelho de Jesus Cristo. Numa conferência pública feita numa sala da Igreja de S. Paulo retratou-se pouco depois dos erros contidos no seu romance "O Rabi da Galileia". Escreveu mais tarde o drama "Os Novos Apóstolos", representado no Teatro de D. Maria II, no qual se assistia a um culto evangélico em Lisboa, promovido por Frei Roque de Almeida, de regresso da Alemanha à sua entenebrecida Pátria. Ouviu-se aí em cena, pela primeira vez, creio eu, um coral da Reforma acompanhado a órgão. Como este coração, então jóvem, rejubilava! Depois houve um incêndio no Teatro do Rossio, e os "Novos Apóstolos" arderam em efígie, como 370 anos antes alguns deles arderam em vida no mesmo Rossio de Lisboa... Coincidências da História.

Soube que um certo versejador de merecimento chamado Miguel Trigueiros afirmou, em discurso radiodifundido, que "os protestantes adoram uma cruz de pau em vez de adorar o Cristo que nos salvou". Não asseguro a exactidão da frase, não ouvida directamente. Ora eu entendo que um verdadeiro Poeta deve ser correcto e coerente. Para que se critica severamente o Junqueiro da "Pátria" e da "Velhice do Padre Eterno"? Alguns cristãos anti-romanos nem usam a cruz porque, dizem, num país de idolatras, pode induzir o povo na continuação da sua idolatria, ou antes, neste caso, de feiticismo. Nós, e connosco muitos outros cristãos reformados, usamos a cruz como símbolo da Redenção, na certeza de que a liturgia clara e expressa ensinará aos estranhos que é em espírito e verdade que adoramos Jesus Cristo, "nosso Deus e Salvador", e não símbolos que pela adoração insciente, se tornariam feitiços. Os luteranos conservam em muitos lugares o crucifixo como símbolo, não o adorando, evidentemente. No geral todos ou quasi todos preferimos a cruz nua, porque "Ele já aí não está, ressuscitou". Feiticistas e idólatras são aqueles que têm devocionários onde se diz: "adoro-te, ó Cruz". Enfim, agradeçamos ao sr. Trigueiros a oportunidade que nos deu com este testemunho. E por último, ainda destacaremos a saborosa referência á **cruz de pau.** Parece preferir as de ouro. São mais negociáveis. Mas para símbolo servem bem de substância humilde.

Em 1944 apoiava o Snr. Dr. Júlio Dantas, em artigo inserto na "Voz de Portugal", do Rio de Janeiro, a tese papista do snr. Professor Fezas Vital, baseada na necessidade de retorno à unidade do século XII, com submissão da Igreja Grega ao Vaticano e "a conversão dos dissidentes protestantes". Para convencer da viabilidade de tal coisa o leitor relutante, que afirmasse não ser o mundo todo católico romano, lembrou o egrégio académico que "o papa não é apenas chefe da Igreja Católica; é um soberano; e nos termos do tratado Latrão a Cidade do Vaticano constitui, embora minúsculo, um Estado Europeu". Que argumento é este? Quere dizer que onde o bispo universal não convencesse pela doutrina, o chefe civil, aliado de outros poderes civis, convenceria pela força? Não percebemos bem. Em nosso humilde juizo, impor a união dos cristãos é um erro abominável; trabalhar pela união dos cristãos é colaborar com o próprio Cristo.

"Não nos cansemos de fazer o bem", repete, como S. Paulo, desde há 37 anos, a Sociedade "Dorcas", do Porto. Muito admiramos o seu trabalho. Passa do conto as cotizações e donativos em dinheiro que teve no ano findo; mas o notável é o fiel trabalho que das mãos consagradas das senhoras que formam a sociedade saiu: muitas dezenas de vestuário e agasalho e enxovais de criança. Que Deus abençôe este esforço e outros similares que sabemos existirem no país.

Os comunistas que, no campo religioso, começaram por sujeitar o Santo Sínodo de Petrogrado, sede política da Ortodoxia, antes de conseguirem aproximar-se do Fanar, centro tradicional da Santa Igreja Católica Grega, em Estambul, e do famoso Vaticano, donde decreta a Santa Sé Romana, avançam agora sobre os paços de Potala, em Lhassa, a misteriosa mansão do Buda Vivo, Sua Beatitude o Dalai-lama, chefe espiritual da Teosofia de Este e de Oeste. Afinal há um outro Buda Vivo, o Panchen-Lama, este influenciado actualmente, segundo dizem os telegramas recentes, pelos guias russos, enquanto aquele se inclina para os guias ocidentais. Um tem 14 anos e o outro 16, e ambos parecem joguetes de forças opostas. E isto está na base fundamental duma religião seguida por milhões de seres! Lição oportuna. Não deve o Evangelho sublime e santo ser joguete de forças belicosas nem de forças de falso pacifismo.

Há dias afirmava o missionário nipo-americano de Havai Rev. Tomaz Okumi que o congregacionalismo dos Estados Unidos está fazendo "o redescobrimento da liturgia". Isto claramente significa que a psicologia moderna chegou a uma conclusão que é o regresso à intuição litúrgica da Igreja Primitiva. Seja, pois, a nossa posição, de firmeza, de perdão e de súplica a favor de ateus ignorantes e de romanos intolerantes e de protestantes descaridosos, que acusam levianamente a liturgia.

"Nem tudo que luz é ouro". Nem tudo que se cobre com as lantejoulas do desporto é digno de aplauso. Um sábio norte-americano, dr. Steinhaus, citado pelo dr. Celestino Gomes, demonstra pela estatística e pela lógica que o **box** é uma forma de assassinato tolerada e... remunerada. Diz ainda o dr. Celestino Gomes: "Era de elementar e de urgente bom senso suprimir quanto antes esse espectáculo gorilesco de brutalidade a tantos dolares por cabeça — o novo episódio bíblico que escapou aos profetas do "Génesis": em que Sete e os mais irmãos de Caim vão assistir ao assassínio de Abel. E ainda pagam para ver...

SÍNTESE

A SEMÂNTICA DO TESTEMUNHO

REATEMOS a nossa conversação de há meses, sobre "Uma Nova Semântica". Há tanto que dizer a tal respeito!

E estava prometido: o prometido é devido.

Lembram-se os leitores? Foi no nosso primeiro número. Era necessário conhecermo-nos; e para isso é sempre indispensável um esforço de compreensão mútua.

Reproduzindo um diálogo com uma senhora surda que, por mal entender, respondia ao interlocutor segundo os seus próprios pensamentos, Aldous Huxley, o famoso pensador e romancista britânico, atribuiu a esse interlocutor estas reflexões: "Linhas rectas paralelas só se encontram no infinito. Poderia eu falar toda a vida do bom sono, e ela de meteorologia até ao fim dos tempos. Alguém já haveria alguma vez estabelecido contacto com alguém? Somos todos linhas rectas e paralelas". E acrescenta o ficcionista, com aquele humor tão inglês, que a senhora surda "era apenas um pouco mais paralela do que a maioria..."

Através das suas curiosas personagens de "A Feira de Crome", Huxley quere-nos persuadir de que todos somos surdos, em vária medida, para as vozes alheias, e só verdadeiramente nos ouvimos a nós próprios. Isto é, os sons que nos chegam à outiva, filtramo-los segundo o nosso conceito pessoal, e as conversas se tornam no fundo o diálogo dos surdos. Há exagero em tudo isto, mas algo de verdade também. O diálogo de romanistas e reformados, desde há quatro séculos, depois que juntos cantaram, de joelhos, com Roberto de França, o **Veni Creator Spiritus,** e se separaram para a luta, tem sido um diálogo abstruso, em que os nomes das coisas saem em sons iguais e sentidos diferentes, sem um desejo de inteligência, sem um passo sequer de aproximação!

Porquê? Onde estará o segredo da compreensão mútua? Em Deus deve estar, pois é Ele o Nexo vivo e inteligente do Universo que creou. As paralelas, para os nossos sentidos sempre estranhas entre si, encontram-se afinal no Infinito de Amor, que é Deus. Se no pensar divergimos, no

adorar concordaremos. "Cada cabeça, cada sentença", assim diz a Sabedoria das Nações. Mas se as cabeças, mesmo sãs, tendem à divisão, os corações, mesmo doentes, têm fome de entendimento. Apontar-lhes o caminho da comunhão com o Altíssimo é eleva-los até às mais altas esferas. "Sursum corda", clama a veneranda liturgia cristã latina. "Elevai os corações", esses corações que na vida rasteira se separam e nas regiões do espírito se harmonizam.

Elevai os corações!

◇

Quando os corações falam na mesma altura, há como uma nova e misteriosa outiva, e para além dos fonemas proferidos, para além das palavras articuladas, **sentimos** o pensamento alheio. Do contrário falariamos linguas estranhas em palavras conhecidas, que ficariam sem sentido.

Quantas questiúnculas bizantinas, quantas querelas desarrazoadas, porque se definem de diferente modo, por exemplo, o templo e o altar, a confissão e o pecado, a justificação ou a santidade!

"Santo" é, para o povo, o taumaturgo; e parece que sem milagres ninguém é canonizado. Ao menos eles tem importância decisiva. Ora o "santo" bíblico é aquele em quem se manifesta o milagre, mas o milagre de Deus na mudança das vidas, pela renúncia ao egoísmo, pelo desarmar do orgulho, pelo interesse, não espectacular mas real, por outrem.

"Justificação" é, na teologia não reformada, como uma sentença de rehabilitação moral por meio do próprio esforço; contudo, na mística paulina era a imputação, à alma arrependida, da justiça de Cristo, nosso substituto no Calvário.

"Pecador" é, para o conceito geral, aquele que se tornou réu de falta para com Deus e os homens; mas para o cristão, romano ou reformado, pecador é todo o ser humano, todo o filho de Adão, membro duma raça decaída e ingenitamente inclinada ao mal.

"Confissão" é, na tradição inveterada dos povos cristianizados de certo modo, o diálogo secreto do fiel e do sacerdote, de que pode resultar a absolvição mediante determinadas cominações; mas da exegese bíblica ressalta a confissão do culpado ao ofendido, em cada falta particular (Tiago 5:16) e a confissão geral perante o Grande Ofendido (I João 1:9), quer seja quer não acompanhada pelo auxílio do ministro de Cristo.

"Altar" é, na ideia popular, um trono glorificador da divindade materializada (**latria**) ou de herois divinos a quem se presta um culto dito secundário (**dulia**), mas aquele termo sòmente indica o lugar mais alto no templo, para os elementos da Eucaristia, que simbolizam a comunhão e são veículo de graça outorgada ou meio de "graça inerente".

"Templo" foi o retalho de céu que o pagão "contemplava", vendo nele a Divindade do seu anelo. Para o hebreu não havia termo especial: era a "Casa" — casa por excelência, onde habitava o nome inefável de Deus (nome, significando carácter). O hebreu helenizado lhe chamou **hieron,** lugar sagrado, e **naos,** a nave. O nome pagão foi adoptado para traduzir o pensamento cristão, como tantos outros o foram, e até o Mestre usou o nome de **Hades,** para significar uma verdade de transcendência teológica. Infelizmente muitos cristãos sinceros mas tendentes à profanidade ou pelo menos à familiaridade irreverente com as coisas santas, contentam-se em chamar ao templo o **salão** ou a **sala,** não compreendendo, na sua ignorância psicológica, que as palavras, bem ou mal escolhidas, nos ajudam ou prejudicam no sentido da adoração. Numa sala respeitável entra-se decerto com respeito pela pessoa que nos recebe, mas no templo entra-se, não com mero respeito e "linha" social, mas com esse misto de grata confiança no Pai e de enleio admirativo pelo Todo-Poderoso, que caracteriza o cristão integral.

Passemos agora à adjectivação tradicional do cristianismo, à qualificação das suas virtudes, que tanta discussão tem levantado entre os pensadores, sejam eles amadores ou com autoridade reconhecida.

Que vos parece: o cristianismo é esotérico ou exotéricc? É apanágio de poucos, transmitido em segredo, ou é doutrina comum, universal, aberta e altissonante? Há factos e há textos, há sentimentos, que nos dizem haver no Evangelho algo que se recebe intimamente, na prece em comum, no espírito do exemplo alheio, no "convívio da mensagem", algo, enfim, que nos parece esotérico, pois vemos tantos lerem as páginas benditas e ficarem frios e inertes, porque não receberam o espírito apostólico. Por outro lado, o Evangelho nos aparece como transmissão "desde os telhados" da palavra que Jesus falou ao ouvido dos discípulos, mensagem o mais possível luminosa e audível, geral e universal, portanto exotérica. Que diremos porfim? Que o Evangelho transcende esses dois termos.

E agora: o ideal cristão é particularista ou multidonista? Proclama, como multidonista, a junção de todos os homens à voz do Enviado de Deus, ou, como particularista, cria fórmulas atinentes à separação dos eleitos? O Evangelho é a mensagem dum Deus que quere que todos os homens se salvem e é ao mesmo tempo a recomendação dum

Pai que exorta os filhos a fugir do mal e dos que o praticam, e da consequente perdição. Em nome do santo convite **a todos** há quem tenha transigido **com tudo,** o que é horrível, mas em nome da santa advertência há quem esmiuce mesquinhamente mil motivos de selecção e de consequente divisão, não menos horrível. O cristianismo, salutarmente, transcende os dois termos.

Continuando: o cristianismo é liberal ou autoritário? Democrático ou aristocrático? Populista ou técnocrático? Vós o vedes; e respondereis que ele é herança de todos nós, mas dirigida por alguns; que todos têm voz na medida da sua posição e do seu conhecimento, todos têm direito de aceitar ou de rejeitar, e acesso, dentro das suas possibilidades, para servir sempre melhor. Que há uma autoridade transmitida, assegurada, respeitada, e a massa formada voluntàriamente, servida afectuosamente e ouvida prudentemente. Logo, o cristianismo transcende esses termos.

E mais: o cristianismo é individualista ou colectivista? Mensagem firmada num convite pessoal, o Evangelho apela para o **eu** que teme, que anseia, que sofre e goza, por si e em si; mas, ao mesmo tempo, ele é o Estatuto de Amor, e o amor afirma-se na compreensão, desenvolve-se na renúncia, sublima-se na dependência mútua, na "necessidade de outrem" que alimenta a harmonia dos seres. Logo, o cristianismo transcende os dois termos.

E agora: o cristianismo é nacionalista ou cosmopolita? Para que discutir, para que dissentir e discordar, se o cristianismo também transcende esses termos? O Evangelho se traduz para cada língua, se adapta a cada raça, se peculiariza em cada povo, sem que perca a sua qualidade de universal e profundamente humano. Por isso a Igreja é nacional para cada povo sem deixar de ser católica para o mundo inteiro, e a sua santa doutrina, como a água das fontes, se acomoda ao vulto de cada vaso que a recebe.

Terminaremos com uma outra interrogação: o cristianismo é racionalista ou irracionalista? Quem sabe se na resposta hesitaremos mais, e mais nitidamente nos dividiremos nesta resposta? Contudo, não há para isso razão. Ninguém pode atacar a razão senão com argumentos raciocinados, portanto em manifesto contra-senso. A razão é dádiva de Deus, pela qual nunca seremos suficientemente gratos a Ele. Nada se pode sentir em consciência, verificar e observar, imaginar e recordar, fantasiar e exprimir sem ser por meio da razão. O Divino Mestre constantemente visou o raciocínio dos seus ouvintes, e os próprios emblemas dos profetas de antano apelavam para a inteligência popular. Mas que erro tremendo, filho dum orgulho ridículo, seria supor que a razão humana pode abarcar todo o conhecimento, registar toda a vida, reconstruir o Universo, perceber o próprio Deus! Definir Deus, no absoluto, seria negar Deus, sujeitando-O à análise do nosso fraco e relativo intelecto. Fundamentar a vida exclusivamente no nosso raciocínio seria postergar a Revelação ou esvasiá-la do seu conteúdo. O cristianismo transcende também estes termos.

Em face de tal mistério, desta sublimidade, desta tanscendência, regressemos à necessidade duma semântica nova, sempre renovada, toda renovável, mas indefectivelmente fundada no Étimo Eterno, indizível talvez, mas milagrosamente pressentido, pelo poder do Espírito. Essa é a Semântica do Testemumho.

FLORILÉGIO DA ORAÇÃO

•• *ORAÇÃO PELAS MISSÕES DA IGREJA* ••

Ó SENHOR Jesus Cristo, Bom Pastor das ovelhas, que vieste buscar e salvar os que se haviam perdido: Imploramos-Te que assistas com Teu poder às Missões da Tua Igreja na nossa Pátria. Manifesta a Tua compaixão aos desvalidos, esclarece os ignorantes, socorre os que perigam e traz os desviados à segurança do Teu rebanho: Tu que vives e reinas com o Pai e o Espírito Santo, um só Deus pelos séculos dos séculos.

AMEN.

(Liv. de Or. da Igreja da Irlanda.)

ENSINA-NOS, bom Senhor, a servir-Te como Tu és digno,
A dar sem nos importar o que nos custa;
A combater sem fazer caso das feridas;
A esforçar-nos sem procurar descanso;
A trabalhar sem pedir outra recompensa, que não seja a certeza de que estamos a fazer Tua vontade.

AMEN.

(Inácio de Loiola)

LEMBRA-TE, ó Senhor, do que operaste em nós e não do que nós merecemos; e, pois que nos chamaste ao Teu Serviço, torna-nos dignos da nossa vocação; mediante Jesus Cristo nosso Senhor.

AMEN.

NO ÁTRIO

AS COMEMORAÇÕES DO TRIMESTRE

1 de Janeiro: Circuncisão de nosso Senhor (S. Lucas 2:21)
6 de Janeiro: Epifania. Adoração dos Magos (S. Mateus 2:1 a 12)
25 de Janeiro: Conversão de S. Paulo (Actos 9:1 a 12)
2 de Fevereiro: Purificação da Bendita Virgem (S. Lucas 2:22 a 40)
7 de Fevereiro: Cinzas. Início da Quaresma (S. Mateus 6:16 a 21)
24 de Fevereiro: S. Matias (Actos 1:15 a 26)
18 de Março: Domingo de Ramos (S. Mateus 21:1 a 11)
22 de Março: Quinta-feira Maior (S. Lucas 22:1 a 71)
23 de Março: Paixão de nosso Senhor (S. João 19:1 a 37)
25 de Março: Páscoa da Ressurreição (S. João 20:1 a 10)
Coincide este dia com o da Anunciação da Bem-aventurada Maria (S. Lucas 1:26 a 38).

CELEBRAÇÕES DO MUNDO CRISTÃO

1 de Janeiro: Dia de Ano Bom
7 a 14 de Janeiro: Oitavário de Oração da Aliança Evangélica Mundial.
11 de Fevereiro: Dia Universal de Oração da Mulher Cristã
4 de Março: Domingo da Bíblia, na Europa, por indicação das Sociedades Bíblicas.

NA NAVE

MARIA, A BEM-AVENTURADA

"Disse Maria: a minha alma magnifica o Senhor".
S. Lucas 2:46

COMEÇA o ano; somos levados a recordar duma forma especial certa Donzela que Deus escolheu entre as mulheres de todos os tempos e de todas as raças para ser a mãe da humana natureza de Seu Filho e a encaminhadora gentil e sage da Sua infância.

Logo ao pensarmos na Circuncisão de Jesus compararemos Maria a Séfora, ou Zipora, a mulher de Moisés, que, ao circuncidir seus filhos, para comprazer ao marido, exclamara em tom de protesto: "Religião sanguinolenta!" Não há em Maria de Nazaré uma tal incompreensão gentílica, ainda que áquela altura não podia decerto ela abarcar todo o significado simbólico do **precristianismo** mosaico e menos ainda prever a "circuncisão do coração" que seria, com S. Paulo, o tema da nova mística dum povo gerado em espírito.

Na Epifania veremos a Virgem Bendita visitada por sábios do Oriente, que vinham prostrar-se ante o Menino-rei do Povo Escolhido, e oferecer-lhe seus dons e homenagens. Ora, se todas as mães jovens sonham com bênçãos, dotes, triunfos e benesses para seus filhos, quando ainda as desilusões da vida não vieram amargurar-lhes a alma e obscurecer-lhes o horizonte, como não havia aquela mãe excelsa de arquitectar um futuro luminoso sobre alicerces tão seguros e maravilhosos como eram a anunciação do Arcanjo e as dádivas de vassalos voluntários que os sábios do Oriente traziam ao Santo Infante?

Vem depois a apresentação de Jesus no Templo e a purificação de Maria, ao oitavo dia da purificação. O pobre carpinteiro das montanhas do norte, e sua modesta esposa, não poderam oferecer o cordeiro legal, mas ainda dentro da Lei ofereceram dois pombinhos, aliás símbolo da simplicidade e cândura do último descendente de David e da parenta respeitável do sacerdote Zacarias e de sua veneranda mulher, Isabel. A cerimónia decorre com incidentes notáveis: Ana e Simeão, os dois primeiros profetas na Nova Aliança, dão graças a Deus pela redenção e glória de Israel, que se aproximam, bem como a luz das gentes. Mas Simeão acrescenta que uma espada virá a traspassar a alma da Mãe que aos seus braços de ancião confiara o Menino.

Cinquenta dias após estudaremos como se realizou a melancólica predição. É a

(Conclui na pág. 14)

LAUDA POÉTICA

POEMA DAS MÃOS

Gestos inconscientes de criança
Em extatica atitude, presa ao berço;
Vão revelando, aos pais, mundos de esperança,
Qual Salmo de David, primeiro verso!

Mãos a balbuciar interrogações...
Querendo com os frageis dedos abarcar;
Babeis de sol, castelos de ilusões...
Que não passam de histórias de embalar.

Olhai a mão que pede a santa esmóla,
Trémula, ou talvez suja de pó;
É tão sublime, é bela, mas desola...
Tão misera atitude causa dó!

Louvado seja Deus se é pequenina
A mão que pede um óbulo por favor;
Tem a beleza pura, cristalina,
Dum festivo rosal, pleno de flor!

Já vistes, de mãos postas, algum crente,
Olhando os altos céus numa oração;
É tela de pintor, raro, eminente...
Com que ganhou trofeu em exposição!

As mãos calosas do trabalhador,
Belos milagres fazem com a enxada;
Exaustos de canseira e de suor...
Contra a miséria, brandem sua espada!

Há mãos a guiar cegos p'los caminhos,
Por bem, sem esperar por recompensa;
Há mãos cheias de amor, que amparam ninhos,
Acariciando, apagam tanta ofensa!

Já viram as mãos brancas da enfermeira,
Plenas de humanidade e de ternura;
Afagando o doente à cabeceira...
Tirando um penso ou pondo a ligadura!

As mãos enegrecidas do pastor;
Guiando as ovelhinhas para o aprisco;
Protegendo-as do lobo roubador...
Na montanha, ao luar, em sério risco!

As nossas mães tem mãos de bordadora,
Que lindas rendas fazem de ternura;
Acariciando os filhos toda a hora...
Embora velhas, tem da néve a alvura!

As mãos do pianista e do poeta,
Tem a beleza extranha dum crepúsculo;
Quer toquem "Sinfonia Incompleta".
Ou quer tracem de versos um opúsculo!

A mão que agita um lenço de cambraia,
Ou seja mesmo chita, num adeus...
Aquele que vai p'ra o mar e sai da praia,
É tão sublime como o azul dos céus!

Bendita seja a mão do semeador;
A cantar, lança à terra o grão a grão;
Na primavera, a seara toda em flor,
É divinal promessa d'alvo pão!

A mão morena do homem do leme,
Seja em veloz paquete ou barco à vela,
De olhar altivo e firme, nada teme...
Com a ajuda de Deus vence a procela!

A mão viril que empunha uma bandeira,
Qualquer que seja a cor, mas com firmeza,
Desde que sua fé é verdadeira...
Tem jus a admiração, bem concerteza!

.....

Mas quadro de maior beleza, infinita,
Pintou Cristo Jesus, com humildade;
Tendo as Mãos a sangrar, na Cruz maldita...
P'ra redimir a toda a Humanidade!!!

INÉDITO DE:

Marcos Matta

do livro a publicar:

SEMENTEIRA PERDIDA...

PROTESTANTISMO E ROMANISMO

Da autoria do ministro presbiteriano Rev. Ruy Gutierres transcrevemos de "Cristianismo" este belo escrito

●

NÃO passa despercebido a nenhum observador que a atitude do protestantismo para com o romanismo é de franca oposição.

Explica-se essa atitude, uma vez que o protestantismo é minoria e as minorias vivem da oposição.

Surge, porém, uma pergunta que de modo nenhum é ociosa: será justa essa maneira de proceder?

Uns responderão pela afirmativa. Nós, porém, pela negativa. E para isso temos razões, como veremos a seguir.

Primeiramente, porque essa oposição baseia-se, em grande parte, nos escândalos e desvios do clero ou de católicos chamados praticantes. Ora, combater os outros por apontar os seus defeitos não é cristão. O que Cristo mandou que fizéssemos foi olhar para a trave dos nossos olhos; o que o apóstolo recomenda é que os que se julgam espirituais, isto é, cheios da graça e da vida espiritual, ajudem os outros na sua fraqueza. O protestantismo não tem procedido assim. Pelo contrário, tem procurado tornar ainda maiores os deslises e quedas daqueles que, ou bem ou mal, se chamam pelo mesmo nome que nós adoptamos.

Mais ainda. A oposição, neste particular, do protestantismo, procura desconhecer o que se passa nos seus próprios arraiais. Sim. Não temos nós os que também claudicam e até prevaricam contra a lei de Deus? E, quando o proceder do irmão não mais pode ficar oculto, costumamos dizer que dos apóstolos um foi o traidor! Porque não adoptar a mesma atitude para com os outros? Mas não é isso que se faz. Antes, é toda uma organização que passa a ser escandalosa e pecadora porque alguns de seus membros cairam!

Em segundo lugar, achamos injusta a atitude do protestantismo, porque sua posição se prende a questiúnculas e tolices que mais denotam um doentio fanatismo do que justa reivindicação. E, assim, passamos a dizer, por exemplo, que o protestante não deve usar a cruz porque isto é próprio da igreja romana; que as nossas igrejas não devem usar a cruz nem sino, porque isso é da igreja romana; que os pastores não devem usar indumento próprio para as cerimónias religiosas nem se deve tomar a Santa Ceia ajoelhado etc., etc., porque isso é próprio da igreja romana. Fanatismo e ignorância. E, com fanatismo e ignorância, se priva ele do que é património comum da cristandade e de usos e costumes que possuem seu precioso conteúdo religioso e espiritual.

Essa atitude gera o espírito de oposição por amor à oposição. Em outras palavras, gera o espírito do "contra", que é o característico do fanatismo.

Em terceiro lugar, não é justa a oposição do protestantismo, porque não visa ela à verdade, mas à aquisição de adeptos pela exploração do espírito de contenda de que o homem é possuído.

Referimo-nos às discussões tão comuns na imprensa evangélica a respeito de tudo e de nada, discussões sem conteúdo, sem finalidade, sem a devida cortesia e elevação. Discute-se por discutir-se. Visa-se a exacerbar as paixões, dividir, criar animosidades, atrair adeptos. Porque não é segredo, nem para o clero, que existe certa animosidade contra os seus actos, contra a política da igreja, contra os seus erros.

O que Jesus mandou que fizéssemos foi fazer brilhar a nossa luz, para que os homens vissem as nossas boas obras e assim glorificassem o nosso Pai, que está nos céus. Se queremos que a verdade brilhe, façamos o que Jesus nos mandou fazer. O resto devemos deixar para o Espírito de Deus, ou, no mais, devemos crer no poder e na fôrça da verdade, que ela há-de romper com as trevas e esclarecer os corações.

Não é justa a posição do protestantismo, em quarto lugar, porque ela desconhece ou parece desconhecer que, apesar dos seus erros, de suas falhas, a igreja romana fez e está fazendo muita coisa para honra e glória de Deus; que ela não desconhece suas limitações e imperfeições e também combate contra os males próprios e os males de fora para que haja maior pureza, maior justiça e maior amor; que ela procura exercer influência espiritual, criar corações piedosos, carácteres bons e sadios. Desconhece a atitude do protestantismo que haja na igreja de Roma corações sinceros, almas pias, espíritos devotados ao serviço e ao amor do seu semelhante.

Nós podemos combater a igreja romana. Mas precisamos aprender **quando** e **como** assim fazer.

Quando, há-de ser a ocasião em que estiverem realmente em jogo os princípios distintivos de nossa fé; **como,** quando pudermos fazê-lo no espírito de caridade, como recomendou S. Paulo: "Se eu falar as línguas dos homens e dos anjos e não tiver caridade, tenho-me tornado como o bronze que soa, ou como o címbalo que retine. Se eu tiver o dom de profecia, e souber todos os mistérios e toda a ciência; se tiver toda a fé a ponto de remover montes, e não tiver caridade, nada sou; se eu distribuir todos os meus bens em sustento dos pobres, e se entregar o meu corpo para ser queimado, se todavia não tiver caridade, isto de nada me aproveita. A caridade é longânima, é benigna; a caridade não é invejosa, não se jacta, não se ensoberbece, não se porta inconvenientemente, não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não suspeita mal, não se regozija com a injustiça, mas com a verdade; tudo suporta, tudo crê, tudo espera, tudo sofre".

Aquilo que acabamos de dizer tem todo o apoio da experiência, especialmente daqueles que têm procurado levar o testemunho da verdade como nós a entendemos, aos que não pensam do mesmo modo, mas buscam a verdade com desejo de encontrá-la. Essas pessoas estão sempre a reclamar contra a atitude de combate à igreja de Roma; como se tem feito entre nós, justamente porque é injusta e, sendo injusta, é contraproducente.

O de que mais precisamos é de compreensão, espírito de boa vontade, de tolerância e de caridade. O mundo jamais compreenderá que os que se chamam pelo mesmo nome vivam combatendo-se nos pontos em que deviam estar de acordo, ou não se tolerando nos pontos em que discordam, por amor a Deus e sua glória.

Provérbios 24:16

Ó meu Senhor! É com custo
Que me estás a educar.
"Sete vezes cai o justo
"E se torna a levantar"...

Até aos Confins da Terra

"ATÉ aos confins da terra" — assim se exprimiu Jesus Cristo, quando entregou aos Seus Apóstolos o "Grande Mandato" de testemunho evangelizador (V. Actos 1:8). E assim se foi cumprindo o desejo expresso por Quem com ele transmitia o poder de realizar tão maravilhosa missão: mais ou menos eficazmente se foi cumprindo, através das idades, conforme o enviado estivesse mais ou menos ligado à Fonte desse divino poder.

Qual era então o panorama social dessa terra visada pela ordem do Mestre? Consideremos um pouco tal matéria, que nos ajudará a compreender os movimentos empreendidos por uma e outra parte.

Na remota China reinava, desde o século 3.º antes de Cristo, fundada por Lieu-Pan, a quinta dinastia imperial, a dos Han, a qual perduraria até à de Cheu-Han, inaugurada no 2.º século da nossa era, ou começos do 3.º. Aos Han se ficou devendo a restauração da cultura sínica, quase eliminada em 213 A. C. pela destruição das bibliotecas e a perseguição dos letrados. Um daqueles soberanos, Men-Ti, converteu-se ao budismo, em 65 A. D., e tornou oficial, a par do taoismo e do confucionismo, esta outra religião que havia já uns 280 anos ali fora introduzida. Ho-Ti, outro dos Han, expulsou, entre 90 e 107 A. D., os invasores hunos; Pan-Chau por sua vez invadiu terra alheia, levando os chinas vencedores até às margens do Mar Cáspio; e no tempo de Honan-Ti, entre 148 e 169, sofreu o grande "Império do Meio" a chamada "Grande Fome", que haveria de se reproduzir periòdicamente, quase fatalmente, de tempos a tempos.

No conceito chinês o Meio era o quinto ponto cardeal, e estava precisamente no seu vasto território. Era a expressão máxima do "antropocentrismo", levado à definição física e local: o nosso planeta centro do Universo, o Império Celeste centro da Terra, o imperador "Filho do Céu", o centro do seu império. Os estrangeiros, esses eram "demónios". E como o centro da roda em movimento é o ponto onde teòricamente ele cessa, a China, limitada pela "Grande Muralha", escarmentada pela antiga destruição da sua cultura,

foi o país da inércia de ideais, do conservantismo quase total, onde o mínimo de progresso a que o homem é forçado se tornava quase um contra-senso anti-natural.

Mais para o Ocidente, no império dos partas, a "sexta monarquia oriental", que incluia boa parte da Ásia Central — a Pérsia e Babilónia, a Hircânia, a Média e a Bactriana, dominava aí desde a rebelião de Arsácio, nos meados do século 3.º A. C. Vencidos os citas, depois os romanos, os partas tinham também absorvido a Arménia dos Tigranes, em 15 da nossa era; mas esta velha região bíblica seria um século mais tarde englobada nas conquistas de Roma, depois de sofrer uma devastação dos alanos, em 72 A. D. E enquanto Tirídates era na Pérsia um rei-fantoche às ordens de Tibério, e quando, quarenta anos depois, surgia o "Pseudo-Nero" ameaçando Roma, no misterioso Japão bem pouco se regista do regime feudal primitivo, até às campanhas da Coréa, em 203 A. D.; a India estava entregue aos citas da Trataria chinesa, que a dominaram entre 126 antes de Cristo e 78 da nossa era, data da vitória dos guptas de Vicramadita e da constituição do reino Málua. Os citas entrincheirados no reino que então fundaram no Afeganistão, aí persistiram até 250 A. D.

A Grécia, a Síria e o Norte de África, restos de antigas glórias, eram já presa da Roma Imperial. E esse famoso império dos Romanos? Antes de Cristo haviam brilhado, na esfera intelectual, Políbio, Pacúvio, Lucílio, os Terêncios, Cícero, Lucrécio, Salústio, Catulo e Cornério Nepos; e no início da nova era Vergílio, Horácio, Tito Lívio, Tíbulo, Propércio, Ovídio e Estrabão. Aos fundadores do Império, Júlio e Octávio, e aos seus triúnviros, haviam sucedido os Césares Tibério, Calígula, Cláudio, Nero, Galba e Vespasiano. Há muito já que a opulenta Cartago fora destruida, e todos os fragmentos do império de Alexandre, na Europa, no Egipto, na Pérsia e na Ásia Menor, assim como grandes espaços do Ocidente, iam sendo deglutidos pela loba romana. Ultimamente as hostes de ferro haviam desembarcado na Britânia, lá para o frio septentrião, ao tempo que a Judéa captiva era como que a última jóia engastada na corôa fechada do Mediterrânio, o "Mare Nostrum".

Restavam, é certo, os reis fabulosos da Caledónia, a futura Escócia, da lenta China desdenhosa e da belicosa Pérsia, que de século em século lhes arrebataria, ora a Hircânia, ora a Mesopotâmia, ora a Arménia, mas não escasseava ao génio romano o tempo suficiente para sulcar de estradas as enormes regiões a que punha o selo do seu domínio, estradas que eram artérias vitalizadoras do corpo colectivo, que bem ajudavam a criar uma consciência colectiva, como não tinha existido no mundo pagão até aí.

Na providência de Deus estava decerto prevista a utilização dessas estradas, assim como da navegação fenícia e grega, sob o controlo romano, na evangelização da Igreja nascente.

Na vida política do império avultam então a derrota de António e a sua fuga com Cleópatra para o Egipto, em 32, e as campanhas decisivas da Gália e da Espanha, em 27 e 26 antes de Cristo. Em 21 todo o Oriente estava pràticamente submetido, e em 19 toda a Ibéria do Ocidente. É nesse ano de 19 que Tibério expulsa de Roma os ritos judaicos e egípcios, rivais das suas velhas tradições. Muitos dos judeus expulsos de Roma por Tibério, e mais tarde por Cláudio, entrarão em contacto com o cristianismo nascente e, ao cessar a proibição da sua estada na cidade cesária, numa dessas reviravoltas em que foi fértil a política dos Enobarbos, foram os novos cristãos instrumento de Deus na conquista do coração do império. Incidente, aliás, entre muitos outros, em que os judeus, helenizados pelos Ptolomeus, e agora muitos deles sequazes da Nova Fé, a serviram directamente anunciando-a, ou indirectamente difundindo a língua grega em que os Evangelhos estavam inicialmente escritos.

Todo o espírito proselitista dos primeiros cristãos iria aproveitar: a cultura helénica, a ânsia mística dos orientais, e espírito de cidadania romana. O recenseamento do ano 28 de Cristo apurara dezasseis milhões e meio de cidadãos, dos quais na cidade 4.164.000.

Saulo de Tarso era um desses cidadãos, que iria pregar Cristo, a livres e a escravos, a judeus e gentios, a bárbaros e a citas.

*

Lucas ou Lucano, é o primeiro historiador das missões cristãs, narrador admirável, que baseia a sua narrativa em informação minuciosa e tão directa quanto possível, e cuja preocupação na descrição é a ordem e a veracidade. (V. S. Lucas

1:1-4 e Actos dos Apóst. 1:1-3). Não o diria nem o realizaria melhor um historiador moderno. No seu segundo tratado divide ele nitidamente a história que nos oferece, em duas partes: À primeira preside a figura de Pedro e move-se nela a Igreja, na preparação da obra missionária (capítulos 1 a 12); na segunda avulta a pessoa de Paulo, que orienta a Missão no sentido da criação de novas e muitas igrejas locais e regionais (capítulos 13 a 28). O ponto de transição entre estas duas partes, encontramo-lo na diáspora cristã, promotora da missão ainda não intencional ou organizada, como surge em Actos 11:19. O homem que vemos nessa transição é Barnabé, que acompanhará Paulo na primeira viagem.

Ponhamo-nos agora em contacto com as primeiras figuras deste formidável drama místico, o drama das missões.

Barnabé e Saulo são os primeiros missionários da Igreja Cristã. São dois jovens judeus, predestinados, trabalhados pelo Espírito de Deus, prestigiados pela mudança radical operada em suas vidas e pelo sofrimento que acompanha a sua mensagem.

Barnabé, varão bom, levita, natural da ilha de Chipre, que, quando em Jerusalém se converteu, dera voluntàriamente o produto integral da venda dum campo para a bolsa comum dos seus novos correligionários. Saulo, varão zeloso, benjamita e fariseu, natural da cidade de Tarso, na Cilícia, que perseguira os primeiros cristãos por pensar que assim servia a Deus, e em meio duma jornada de ódio foi conquistado por Cristo, na estrada de Damasco. Eis os dois homens de quem o Espírito Santo, a Divina pessoa que dirigiu o estabelecimento da Igreja e da sua obra de expansão, disse aos profetas e doutores que estavam à testa da Igreja em Antióquia: "Separai-me a Saulo e a Barnabé para a obra a que eu os hei destinado" (Actos 13:2).

Estava iniciada a gloriosa obra das Missões Cristãs.

(O que fica escrito acima é o capítulo introdutório duma obrinha com o mesmo título, para a qual o seu autor, director de ECCLESIA, recebe encomendas e sugestões dos seus prezados amigos e irmãos na fé.
Está já escrita uma boa parte, a que se dará maior desenvolvimento, em especial na parte referente ao Império Português, se for julgado conveniente.)

Écos dum Movimento

NO adro duma das nossas Igrejas foi há dias distribuido um impresso vistoso, bicolor e ilustrado, onde se faz um simpático apelo à juventude. Simpático, sem dúvida, como tudo em que o Senhor Jesus Cristo ocupa o centro dos pensamentos e das volições. Trata-se da versão dum escrito do Dr. Osvaldo Smith, de Toronto, que nos dizem ser um notável animador dum certo movimento de apelo à mocidade do mundo. Lemo-lo e encontramos alguma coisa que dizer a respeito da sua doutrina. Esta é, a nosso ver, a melhor maneira de colaborar lealmente.

Em primeiro lugar: duvidamos que S. Paulo achasse que um "alvoroço" fosse o **melhor** para a pregação do Evangelho. Que ele aproveitasse os alvoroços da multidão, tal como a serenidade anelante de um público recolhido, que, por exemplo, não fale línguas incompreensíveis, nem onde cada um queira levar os outros, com seus gestos e exclamações, a crer que é "muito espiritual", nisso nós convimos. "A tempo e fora de tempo", comendo carne com graças a Deus ou não comendo e a Deus dando graças, sendo judeu com judeus e sendo grego com gregos, desejando que "cada um abunde em seu sentido", estes eram os gloriosos métodos da ânsia paulina de evangelizar. Não queiramos sujeitar sociedades discretas e educadas ao "alvoroço", para poderem receber a Cristo como Salvador e Mestre. Não exijamos uma chancela de cartás, de comício e de alarido á vida de relação da Igreja de Cristo. Temos visto tantos fracassos desses métodos! Quantas vezes tudo se esvai no som! O comício despede-se, o cartás desbota, o alarido emudece, mas o Espírito de Deus permanece nos corações que o amam, e em silêncio faz a Sua obra.

Segundo ponto: também não cremos que no Evangelho são só os novos que têm visões. Raciocinemos um pouco a esse propósito. Se fundássemos a Igreja, uma igreja, sobre a pobreza, como os ebionitas, quantas seitas e fracções de seita teriam surgido do diferente critério de fronteira entre a pobreza e a riqueza? Sim, quem é rico e quem é pobre? De igual modo, se fundarmos a Igreja sobre a mocidade, como este movimento parece querer fundar-se, quantas seitas e fragmentos de seita surgirão, estabelecendo diversas fronteiras

entre a mocidade e a velhice? Quem é velho e quem é moço?

Claro que nenhum rico entra no Reino dos Céus e também lá não entra nenhum velho. Nem o dinheiro de uns nem a experiência de outros lhes abre as portas do Reino. Mas também aí não têm guarida nenhum pobre nem nenhum jovem, firmados que eles estejam nas vantagens que qualquer partido cristão lhes outorgue. Entramos todos à riqueza e à mocidade espirituais, revestidos da Justiça de Jesus Cristo, nosso Deus e Salvador.

Os novos terão visões? Sim, terão. E os velhos sonharão sonhos. (Actos 2:17). Quem conhece o paralelismo poético de Hebreus, sabe que sonhos e visões são sinónimos duma preparação superior à ciência e à experiência do mundo. Como é bom citar correctamente as Escrituras Sagradas! **Texto** é tecido, e os tecidos não se devem esgarçar.

Afinal talvez se trate só duma lisonja à gente nova, para a captar. Mas a juventude que vale não quere lisonjas, quere amizade leal. E estou certo que lha saberão dar aqueles que a amam. E quem não a ama?

(Conclusão da pág. 8)

Paixão de Nosso Senhor. A "posteridade da Mulher" sofre da "posteridade da serpente" o ataque ao calcanhar. Maria representa aí a dor da Humanidade no grande Drama da Redenção. E porfim, na Páscoa da Ressurreição, festa móvel do Calendário Litúrgico, vemos próxima a festa fixa da anunciação de Gabriel a Maria, a qual ora sucede ora antecede aquela, numa recordando-se o solene aviso do Arcanjo: "Ave, Maria, agraciada, o Senhor é contigo... conceberás um filho... que reinará eternamente"; noutra comemorando-se a vitória sobre a morte do Cristo de Deus, o Salvador, Rei eterno das nossas almas.

Que necessidade temos, irmãos em Cristo, de qualquer escola que sejamos, de diminuir ou de aumentar a honra dada a Maria, nossa Irmã? Para que obscurecer a sua excelsa personalidade, ou para que transforma-la numa série de ídolos risíveis e espiritualmente inúteis?

O Novo Dogma Romano

HÁ muitos que, ou por maldade ou por ignorância, rotulam de "romanizantes" todos os que defendem doutrinas e práticas católicas, como se "romano" e "católico" fossem sinónimos.

A nosso ver, a crítica mais bem feita que conhecemos ao dogma definido pelo Papa no dia de Todos os Santos, foi a que veio, em 3 de Novembro passado, no "Church Times", jornal anglicano de manifestas tendências anglo-católicas, e que a seguir traduzimos:

"Na Quarta-feira de manhã, com grande aparato cénico, o Papa proclamou a Roma e ao mundo, o novo dogma da Assunção. Não há porém aparato algum que seja capaz de esconder a lamentável verdade.

Afirmar como histórico um facto do qual não há a mínima prova histórica, é loucura.

Exaltar uma opinião piedosa, mas sem base nas Escrituras, à posição de dogma essencial, é heresia.

Apresentar uma decisão de conveniência, com um acto da Providência divina, é quase uma blasfémia.

E na Quarta-feira, Roma acabou por insistir em fazer todas estas coisas".

Não julgamos ser fácil dizer mais e melhor em tão poucas palavras.

Ecclesia,

seu director, seu administrador e todos que nela trabatham desejam-vos um ano repleto de bençãos.

Forum

Noticias oficiais do Colendo Sinodo Geral

DE 28 de Setembro a 10 de Outubro do ano findo esteve entre nós, acompanhado por sua Ex.ma Esposa, sua Ex.o Rev.ma o Senhor Arcebispo de Armagh e Primaz de toda a Irlanda, que mais uma vez, bondosamente, atendeu ao convite que o Sínodo Geral da Igreja Lusitana lhe fez, para presidir às cerimónias da Confirmação e de Ordenações nesta Igreja.

Assim, depois de um chá de recepção que foi oferecido a tão ilustres visitantes, na residência pastoral da Igreja de S. Paulo, em Lisboa, no sábado 30 de Setembro, no Domingo 1 de Outubro, às 10,30, na mencionada Igreja de S. Paulo, com a assistência de todo o clero da Igreja Lusitana no Sul, celebrou o senhor Arcebispo, com toda a solenidade litúrgica, a Confirmação de 12 candidatos e, após a sua Homilia, seguiu-se a celebração da Sagrada Comunhão, participando da Mesa do Senhor, além dos novos confirmados, bastantes membros das três Congregações de Lisboa, reunidos neste serviço em fraternal convívio espiritual.

Na Sexta-feira, 6 de Outubro, às 21 horas, celebrou também o senhor Arcebispo, o Serviço da Confirmação na Igreja do Redentor, no Porto, confirmando 27 candidatos da Congregação local e das Congregações de S. João Evangelista e de Cristo, em V. N. de Gaia.

No dia seguinte, à tarde, o Senhor Arcebispo, perante numerosa assistência e após a cerimónia da entrega da chave ao Pároco pelo membro da Junta Paroquial Sr. 1.º Tenente Daniel de Pina Cabral, celebrou a dedicação do novo Vestiário da Igreja de S. João Evangelista, em V. N. de Gaia, edificado ao lado do templo pela generosidade particular de alguns membros da Congregação e pela entrega de um valioso donativo expressamente oferecido para este fim por Mrs. e Miss H. Cassels.

Nesse Vestiário ou Sacristia, além do retrato do Rev. Diogo Cassels, edificador do templo e primeiro pároco da Igreja, após a dedicação, foi descerrado o retrato do Senhor Arcebispo de Armagh, por sua Esposa, e foi também descerrada por Mrs. H. Cassels uma placa de bronze que testemunha o agradecimento, não só às dadoras do donativo referido, como também a todos que contribuiram para a construção deste novo e lindo edifício.

A seguir, a Junta Paroquial ofereceu um chá ao Senhor Arcebispo e sua Esposa, no qual assistiram, além dos membros da Junta, o clero da Igreja do Norte, o Rev. Canon G. F. Johnston, capelão da Colónia Inglesa no Porto e outros convidados.

No domingo, 8 às 10,30 e na Igreja de S. João Evangelista, perante numerosíssima assistência e com toda a solenidade litúrgica, o Senhor Arcebispo, assistido por todos os Presbíteros da Igreja Lusitana no Norte, instituiu Diácono o Evangelista Snr. Luíz Manuel Crespo, e ordenou Presbítero o Diácono, Rev. Dr. Luíz Cesar Rodrigues Pereira. O sermão nesta soleníssima cerimónia esteve a cargo do Rev. Dr. Daniel de Pina Cabral.

2) — Merece destacado reconhecimento e, por isso, bem justificado louvor dos membros da Igreja de S. João Evangelista e seus Ministros o ilustre e muito prezado Irmão, Snr. 1.º Tenente Daniel de Pina Cabral, da Junta Paroquial da referida Igreja, pela iniciativa, empenhado interesse e exemplar zelo que teve na construção do edifício inaugurado e a que acima se faz referência.

Cheio de entusiasmo e confiança em que Deus lhe depararia os recursos financeiros para toda a obra, calculada em cerca de 30 contos, quando ainda bem poucos donativos tinha em promessa, por sua individual responsabilidade e numa persistente certeza de êxito, iniciou e concluiu a construção do edifício e o fornecimento de algum mobiliário que faltava.

Na verdade, Deus o abençoou de tal modo que todas as despesas foram totalmente pagas pelas ofertas recebidas.

O Senhor ampara e abençoa sempre a todos os que pôem nele a Sua confiança para a realização de tudo quanto seja para o Seu Santo Serviço e Glória do Seu Nome.

3) — A Comissão Executiva do Movimento de Revigoração da Igreja, eleita por cinco anos, na última Reunião Sinodal, no fim do seu primeiro ano de actividades, em 30 de Novembro findo, Dia de Santo André, promoveu cultos especiais de despertamento missionário, em todos os templos da Igreja Lusitana.

Todos os Ministros permutaram nesse dia as suas respectivas Congregações, sendo notável, em cada uma delas, a assistência dos fieis.

Assim, em todos os templos, à mesma hora, com os mesmos hinos, o mesmo serviço litúrgico, iguais leituras bíblicas e sermões baseados no mesmo propósito, a referida Comissão promoveu, estamos certos, um apreciável trabalho de despertamento missionário dentro da Igreja Lusitana.

Ainda o Movimento de Revigoração da Igreja, publicou o primeiro Calendário eclesiástico para 1951, em conformidade com o ano litúrgico. É um incitamento aos fieis para lerem as lições das Escrituras, não só com regularidade, mas também com mais perfeita ordem e maior proveito no ensino bíblico e espiritual.

Justos são os agradecimentos à Comissão Executiva deste Movimento e, em especial, ao Rev. Dr. Luiz C. Rodrigues Pereira, que principalmente teve sobre si o encargo de organizar as lições bíblicas desse Calendário. Aconselhamos aos membros da Igreja Lusitana a aquisição do Calendário e o uso diário das suas lições bíblicas.

Qual Cristo?

"... e eu de Cristo"
1.a aos Corint. 1:12
"... e nós de Cristo"
1.a aos Corint. 3:23

///

É frequente ouvir dizer, entre religiosos militantes e praticantes: "Cristo, sim, a Cristo é que eu sigo; não a homens, e não a Igrejas, e não a seitas, e não a doutrinas..."

Muito bem; segues a Cristo, irmão que assim falas, e não a chefes, grupos, partidos ou dogmas. Mas, que Cristo segues tu?

Há verdades tão subtis que, por um pequeno desvio delas, se cai no erro fatal. Como os aparelhos de precisão que, quanto mais delicados, mais cuidados exigem para não induzirem em falta.

Quantos têm proclamado um Cristo que eles mesmos fabricaram! Quantos falsos cristos há, produto de imaginações febris, de razões unilaterais, de sentimentos deformados, de vontades carnalizadas!

Dizes que não segues homens. Mas pensa um pouco. São Paulo era um homem como nós, "sujeito às mesmas fraquezas", segundo ele mesmo disse. Era um homem; um vaso escolhido por Deus, varão inspirado pelo Espírito Santo, contudo. E, inspirado, escreveu para a geração coeva e para todas as gerações futuras: "Sede meus imitadores como eu o sou de Cristo" (1.ª aos Corint. 11:1) Não prova este sagrado texto que somos em certa medida seguidores de homens, na linha apostólica, que é a Igreja?

Cautela, irmão, com o que afirmas; não caias, com o *teu dogma* leviano, na heresia perigosa.

"Aprouve ao Espírito Santo e a nós..." disseram os conciliares de Jerusalém (Actos 15:28). Quereremos arrancar este texto à nossa Bíblia? Ou esquece-lo que seja? Nada se pode obliterar ou esquecer. Não sigas, irmão, os homens que se afastam de Cristo, mas segue com os homens que têm vivido e morrido por Ele. Segue-os a esses.

Dizes que não segues Igrejas. Nem a Igreja é para se seguir, mas para se viver, integrado nela. Como português, eu não *sigo* a Pátria: *vivo-a*. Mas ainda há a considerar aquele plural. Quando eu digo "Igrejas" forçosamente me refiro aos grupos locais de cristãos. Quem há-de integrar-se em mais de uma? E quem não deve integrar-se numa?

Cautela, amigo, não penses defender o teu individualismo eclesiástico socorrendo-te de Aquele que te mandou unir-te com teus irmãos em igreja, na Igreja.

Dizes que não segues seitas. Que assim seja. Elas são expressamente condenadas no Evangelho. Elas são ídolos morais. E aquele que esfrangalha a túnica de Cristo não é menos

idólatra que o posternado ante uma escultura ou tela que lhe oculta Deus — Espírito e Verdade. Entretanto, examina-te bem, não vás caír na duplicidade condenável de chamar seita à ideia alheia e isentares dela a tua própria ideia.

Dizes também que não segues doutrinas. Certamente o afirmas porque julgas seguir Cristo — mais de perto do que os outros que recitam um Credo, assinam uma confissão, aderem a uma escola interpretativa. Mas não vês aí incoerência? Aquilo que dizes é um postulado ainda singelo, mas também é já uma afirmação dogmática, é uma doutrina. Criaste para ti uma igreja de que és talvez o único fiel e o papa supremo e infalível. Obtiveste a unidade da crença na unicidade da direcção. És um heroi da tua mesquinha epopeia. Mas o cristianismo assim encarado é irrisório. Livra-te dele, livrando-te de ti. O Cristo que segues não é Jesus, o Salvador, és tu mesmo! É aquele chefe condescendente ou patrono imóvel de seita que tu crias na tua imaginação orgulhosa, quando dizes: "*eu* sou de Cristo..." (como se o outro o não fosse). Mas o verdadeiro é Aquele que nos conquista, que nos ensina, que nos transforma, que nos une, até que saibamos dizer: "*nós* somos de Cristo" (tu e eu, meu irmão, a quem dou as mãos clamando fraternalmente: "*Pai nosso* que estás nos céus faz que o reino venha a todos nós, concede-nos o pão cotidiano, perdoa-nos as culpas, a nós evita a tentação, a nós liberta do mal!"

Esse Cristo glorioso, que tem outras ovelhas fora do teu aprisco, que tem outras verdades fora do teu critério e outros poderes fora do teu exercício. Esse é Nosso, a quem tu comigo deves adorar.

Esse é o Cristo bendito que nos salvou e nos une, com laços de amor, do amor que exclama: "Nós, nós somos de Cristo!"

O Livro e os Livros

HOJE começaremos por falar de tres livretes publicados ao findar do ano, e que têm por alvo o LIVRO: procurando um maior estímulo e um melhor aproveitamento na sua leitura.

Em razão de ser essa a mais antiga tentativa, das que têm persistido entre nós, em introdução ao Livro da Oração Comum, de 1882, referiremos em primeiro lugar o "Calendário da Igreja para 1951" publicado pelo "Movimento de Revigoração da Igreja", trabalho excelente de adaptação do nosso querido colega Rev. Dr. Luiz Rodrigues Pereira. Aí se inclui um útil prefácio e um leccionário cuidadosamente preparado e no calendário se recorda sàbiamente, a-par-dos Santos Apóstolos, os mártires e confessores da Fé, e se inclui nestes os da pre-Reforma e da Reforma. Está além disso preparado de forma a ajudar os fieis no uso do L. O. C., nos serviços divinos. O trabalho gráfico é esmerado e dá gosto o seu manejo.

Vem depois o livrete das "Lições Bíblicas para 1951 (1.º semestre), organizadas para as Escolas Dominicais e cultos domésticos", publicação do Sínodo da Igreja Evangélica Metodista Portuguesa. Adopta-se aqui este ano o plano do Conselho Internacional de Educação Religiosa, tendo em vista a utilização, por pais e professores, das revistas brasileiras que comentam essas lições, trabalho esse de especialistas bíblicos respeitáveis.

Por último, referir-nos-emos aos novos livretes da "União Bíblica — Notas explicativas das leituras diárias", pelo Rev. Guy H. King, tradução de Jorge A. P. Rosa. Saiu o 1.º número, para Janeiro-Fevereiro de 1951. Contém pequenos comentos a cada trecho indicado para leitura, fechando em cada dia com uma curta

prece e uma síntese da leitura indicada. Há um poder evidente de concisão nestas notas, e a tradução satisfaz.

Há um alvo comum em todas estas iniciativas, pelo que lhes desejamos bom exito. Os membros da Igreja Lusitana certamente usarão o nosso calendário.

De António Alvaro Dória recebemos ultimamente dois volumes que nos alegraram sobremaneira. Um, original, é uma antologia de grande valor entre nós, pois nada tinhamos sobre a matéria versada: "A Vida Rural no Romance Português". Tratado de etnologia através do romance, com os trechos escolhidos criteriosamente, e arrumados em índices de útil recurso, é ao mesmo tempo um ensaio crítico feito com elevação e serenidade. O outro volume é a tradução feita pelo mesmo autor, de parçaria com D. Maria Fernanda Gonçalves, do "They went to Portugal", de Rose Macauley, e chama-se na versão Portuguesa "Ingleses em Portugal". São 400 e tantas páginas que recolhem informações históricas em tom de crónica leve, laivadas de britânico *humour*, muitas vezes justas, sempre graciosas, com ferroadazinhas para a direita e para a esquerda, em prosa desenfastiada que foi transposta com uma probidade que as notas e o estilo dos tradutores fazem ressaltar a cada momento, numa trintena de notas bibliográficas e índice onomástico de utilidade evidente. Estamos bem gratos pela oferta.

REGISTO DE ENTRADAS:

"World Christian Handbook". Editor: Kenneth G. Grubb, Associate Editor; E. J. Bingle. London, World Dominion Press, 1949. Útil publicação; 400 páginas in 8.º.

"Senhor, ensina-nos a orar". Orações para crianças. Missão Interna, Sínodo Riograndense, S. Leopoldo. Mimoso trabalho gráfico.

"Livro de Doutrina". Contém o Catecismo Menor do Dr. Martinho Lutero, orações, trechos bíblicos, comentários, uma pequena liturgia, biografia de Lutero e uma breve descrição da posição luterana em face de outras comunidades. 9.ª edição, 27.º milhar, S. Leopoldo.

"O Processo de Cristo", pelo Dr. João Henrique. Sínodo Riograndense da Igreja Luterana, 1948. Trabalho de piedade e de erudição.

"Prédicas" e "O Sermão do Monte". Dois opúsculos publicados pelo mesmo Sínodo.

"Noites de Paz e Amor", Hinos da Igreja Evangélica para a noite de Natal, por João José Nunes; Edição da Igreja do Nazareno, da Ilha Brava. 1949, Praia, Cabo Verde.

"Viagens Misteriosas", por Stuart R. Robertson; versão de E. R. Holden. Belo livro para adolescentes.

Edições da Liga Portuguesa de Profilaxia Social, estes quatro opúsculos:

—"O Problema da Orientação Profissional", por Adelaide do Carmo Fernandes. Porto, 1949.

—"Como se faz um Ladrão; ou as Cinco Estações da Via Infamante, por Sousa Costa. Porto, 1949.

—"A Campanha pelo Casamento das Telefonistas". Porto, 1950.

—"A Raiva, Doença Comum ao Homem e aos Animais", por Dr. Manuel Lema Monteiro. Porto, 1950.

"Cem Anos de Mutualidade Livre", por Joaquim Salgado. Porto, 1949.

"Rapport Officiel de la 18me. session da la Conférence annuelle de l'Église Methodiste en Afrique du Nord". Alger, 1948. Inclui trabalho na Ilha da Madeira.

"Make the Tree Good", relatório popular da Sociedade Bíblica de Londres, do ano de 1950.

"Viana do Castelo. Panorama Estético" por Cruz Cerqueira. (Monografias turísticas, n.º 1) Ed. do Autor. Viana, 1950.

Registamos com grande satisfação a permuta estabelecida com o "Puritano", importante órgão presbiteriano do Rio de Janeiro. Estamos também recebendo o "Servicio Evangélico de Prensa, de Buenos Aires, assim como o "Boletim Presbiteriano", de Carcavelos.

LUSOGRAMAS

— Um católico vicentino que lia regularmente e integralmente ECCLESIA era José Maria Freire Teixeira, que descansou em Deus em 5 de Novembro. A nossa saudade o acompanha.

— "Façamos tijolos, façamos uma cidade, uma torre e um nome..." E fizeram Babel. Ainda hoje as Babeis são feitas de tijolos, de cidades e de nomes de orgulho. Tudo vão.

— A grande frase dum velho poderia ser esta, que marcasse uma época e uma civilização: "Rapazes, passem por cima de mim, mas façam alguma coisa de grande e de perdurável!"

— Romão Luiz Peres, que há pouco deixou este mundo, foi em tempos *colportor* bíblico. Percorreu, como outros, o país em grande extensão, e visitou os boers internados em Peniche, levando-lhes a lembrança da Palavra Divina, com bom êxito. Em Coimbra, os estudantes fizeram dele um tipo de revista.

— Em Sá da Bandeira realizou-se o 2.º Congresso da Igreja de Cristo em Angola, de 6 a 10 de Julho. Boa confraternização dos crentes portugueses de raça branca. Estiveram 17 obreiros portugueses e 11 estrangeiros, e representaram-se tres igrejas: Sá da Bandeira, Mossamedes e Bela Vista.

— Um pastor suiço, no verão passado, ao anunciar o horário dos cultos dizia à sua congregação: Há quem tenha dificuldade de chegar a horas, devido à demora dos tranvias. Recomendo uma boa solução, qual é a de tomar o tranvia anterior...

— Eu não quero dizer nada *de meu irmão*, que não possa dizer serenamente *a meu irmão*. Eu não quero ir *sem Cristo* a qualquer lugar desde que não possa ir *com Cristo* a esse mesmo lugar. Eis duas regras de pleno êxito.

— Os abusos da liberdade, assim como os abusos da autoridade, foram em todos os tempos formas de governo suicidas. Lede a História e o vereis.

Poema de Arato

de 300 A. C. (em versão livre).
Citado por S. Paulo no discurso de Atenas: Actos dos Apóstolos 17:28

Louvamos, no Alto, o Deus que não tem par;
Nem ousamos deixa-Lo de adorar.
Em toda a grei humana Ele é presente;
De toda a elocução Ele é ciente;
Os portos, dele são, e o Grande Mar.
Por Ele anela, em todos os seus trilhos,
O nosso coração, que O louva e sente:
Geração dele somos, e Seus filhos!

"THE LUSITANIAN CHURCH OF PORTUGAL, BY LOUIS A. HASELMAYER"

III

CASO raro é vermos qualquer referência à Igreja Lusitana na imprensa representativa das grandes comunhões religiosas do estrangeiro. Ou porque desapareçamos aos seus olhos, perdidos na dominante maioria romana que nos cerca, ou porque os nossos irmãos sejam propensos a só atentar no que é numèricamente impressionante — o facto é que, lá fora, quási ninguém dá pela nossa existência no panorama eclesiológico do mundo. Nós mesmos nos habituamos a viver desconhecidos e, por nossa culpa, deixamos morrer ou não cultivamos ligações com os sectores mais felizes e fortes da Igreja Universal, a cujos altares, pela comum aceitação dos mesmos princípios que estruturam a nossa pequena família, tínhamos acesso.

Não foi sem alvoroço, portanto, que percorremos o longo contributo do "Father" Louis A. Haselmayer, professor de história e director do grupo de línguas clássicas no Colégio "Daniel Baker", para o número de Setembro de 1950 de "THE HISTORICAL MAGAZINE OF THE PROTESTANT EPISCOPAL CHURCH". O ilustre sacerdote da Igreja Protestante Episcopal Americana, no decorrer de vinte e tal páginas dessa conceituada publicação, apresentou um proficiente estudo da Igreja Lusitana, e de tal modo, que hoje, em toda a Comunhão Anglicana, de projecção mundial, há um trabalho actualizado e honesto capaz de introduzir qualquer pessoa nos princípios históricos, doutrinais e litúrgicos, que nos regem.

Facto a pôr em evidência: — este número da revista é dedicado à Comunhão Anglicana — "THE ANGLICAN COMMUNION NUMBER" — embora o Autor, e muito acertadamente, reconheça que a Igreja Lusitana está fora dessa Comunhão gloriosa.

O nome do Padre Haselmayer não era desconhecido entre nós. De há muito o sabíamos interessado connosco. Meses atrás o esplêndido hebdomadário, "THE LIVING CHURCH", porta-voz da corrente "católica" da Igreja Episcopal Americana, anunciava aos seus leitores uma série de artigos do P. Haselmayer sobre pequenas igrejas, inclusivé a Lusitana. Por isso, já esperávamos qualquer coisa, mas tanto, tão completo, e em publicação tão erudita (a própria, aliás, da pena brilhante do autor) é que, francamente, não estamos habituados a esperar.

O ensaio tem natureza positivamente descritiva. Só aqui e acolá o Autor faz o seu juízo crítico e logo nos apercebemos de uma mente anglo-católica compreensiva da nossa posição difícil. Por exemplo, ao referir o CATECISMO DE DOUTRINA CRISTÃ, da autoria do Rev. A. Pinto Ribeiro Jr. (que o P. Haselmayer, sem culpa sua, julga, erradamente, ser um formulário oficial, mas não é) observa (1): *"A omissão na Secção VENERÁVEIS RITOS, da penitência e unção é, de certo modo, surpreendente, desde que o art. XXV segue a fonte anglicana alistando-os"* (2). Porém, logo afirma peremptòriamente: *"A*

(1) Com muita justeza, na opinião de quem escreve estas linhas.

(2) O P. Haselmayer gostará de saber que um anterior catecismo, também de responsabilidade individual, da autoria do Rev. Diogo Cassels, que não era um "evangelical" embora fosse evangélico, "COMPÊNDIO DE MORAL PRÁTICA E NOÇÕES ELEMENTARES DE HISTÓRIA GERAL, revistada e corrigida pelo Dr. Godofredo Pope, durante 23 anos, Presidente do Sínodo da Igreja Lusitana", cuja quinta edição (!) tenho na minha frente, no Capítulo DOS SACRAMENTOS OU MISTÉRIOS E RITOS, enumera a Penitência e a Unção, referindo-se a esta última como Extrema-Unção.

Igreja (lusitana) *nunca quebrou nenhum vínculo da continuidade católica em doutrina, sacramentos ou ordem. Através de anos de adversidade, tem mantido os princípios sobre que se baseou.*

Dum modo geral, o trabalho é verídico e elucidativo. Se não chega a ser perfeito, está maravilhosamente perto disso. O Autor merece os mais rasgados cumprimentos pelo seu esforço meticuloso e sério. Por mim, tributo-lhos gostosa e reconhecidamente pelo alto serviço prestado à Igreja Lusitana.

Num ponto, porém, o P. Haselmayer, certamente por carência de informação, não conseguiu traduzir perfeitamente a realidade e deixou caír uma ideia menos fiel a nosso respeito: é quando define as relações da Igreja Lusitana com a Igreja Irlandesa.

Para o P. Haselmayer, O CONSELHO PROVISÓRIO DE BISPOS IRLANDESES, nos termos do que ele considera um acordo celebrado entre o Episcopado Irlandês e o nosso Sínodo, tem "*autoridade final sobre qualquer assunto de carácter fundamental proposto no Sínodo da Igreja Lusitana, de tal modo que nenhuma mudança nos formulários originais pode ser feita, excepto com permissão deste Conselho*". Daqui vem a concluir que, "*enquanto à Igreja Lusitana é concedida completa independência de auto-governo sinodal, ela está legalmente vinculada aos formulários da Igreja de Inglaterra, ao menos tão definitivamente, senão mais do que as Igrejas autónomas da Comunhão anglicana*". Vê ainda um reflexo desta vinculação na Liturgia para a sagração de Bispos onde se diz que "*O Bispo oficiante fará ler o documento donde conste a eleição do que vai ser sagrado, feita pelo sínodo diocesano, aprovada pelo Sínodo Geral e sancionada pelo Conselho de Bispos*". Isto é, onde na Liturgia está CONSELHO DE BISPOS, o P. Haselmayer lê forçosamente CONSELHO PROVISÓRIO DE BISPOS IRLANDESES.

Colhe-se a impressão de que a Igreja Lusitana perdeu a independência a favor da Irlandesa.

A questão merece ser estudada.

Antes de mais nada, convem afirmar o princípio da independência da Igreja Lusitana jurado por todos os seus ordenandos: — "*Nem o Bispo de Roma nem qualquer outro prelado estrangeiro tem, nem pode ter, qualquer jurisdição, poder, superioridade, ou autoridade eclesiástica ou espiritual, legítima, na Igreja Lusitana . . .*" Este princípio não pode ser preterido de forma nenhuma. Somos, e temos de continuar a ser, tão independentes de Roma, como de Armagh ou Cantuária, e, deve dizer-se, nunca Armagh ou Cantuária quiseram coisa diferente.

Façamos a história breve das nossas relações com a Igreja Irlandesa.

Quando os reformadores portugueses e espanhóis, na segunda metade do sec. XIX, depois do *Ludibrium Vaticanum*, lançaram o seu movimento, estavam possuidos de arreigado amor à ordem apostólica. Para eles, o episcopado era, não um luxo prescindível, mas um requisito essencial da Igreja. Contudo, nenhum bispo aderia explícitamente ao seu movimento e, por essa razão, tiveram de pedir o auxílio episcopal aos ramos da Igreja que os pudessem escutar. Naturalmente, a Comunhão Anglicana e os Bispos velho-católicos foram visados. Os anglicanos dividiram-se quanto a este assunto. Levantou-se na Inglaterra e América uma questão violenta em que, de um lado, se consideravam os reformadores como hereges e se proibia qualquer intervenção a seu favor da parte dos bispos na Península, por ser infracção dos cânones dos antigos concílios de Antioquia e Calcedónia; e, por outro, vendo que a doutrina dos reformadores não divergia da mantida

pelos anglicanos do sec. XVI, se considerava falta grave de caridade deixá-los ao abandono, caídos na necessidade de se constituirem em seita irregular. A questão chegou ao ponto de, em 1889, os Bispos Irlandeses responderem que "*se sentiam forçados, no interesse da unidade e da paz da sua própria igreja e da comunhão anglicana em geral, a informar os memorialistas, que não viam modo de satisfazer o seu pedido*" (3). Os bispos velho-católicos da Alemanha e da Suíça, embora desejosos de correr em auxílio dos reformadores peninsulares, viram-se coagidos a abandonar essa ideia, porque não queriam actuar em contrário dos seus irmãos da Holanda e estes recusavam-se a faze-lo com o fundamento de que, aceitando os 39 Artigos anglicanos, os reformadores de certo eram hereges (4).

Os reformadores, porém, tinham do seu lado um homem verdadeiramente providencial — Lorde Plunket, Bispo de Meath, depois, Arcebispo de Dublin. Apoiou-os, lutou contra os adversários da nossa reforma e, finalmente, convenceu os bispos da sua Igreja a atender o nosso pedido.

Com efeito, em 1894, o Arcebispo de Dublin, o Bispo de Clogher e o Bispo de Down, dirigiram ao Primaz de Toda a Irlanda e ao Conselho Episcopal a comunicação de que, se não houvesse a oposição dos seus irmãos, eles decidiam atender ao pedido recusado em 1889. Por unanimidade, com uma abstenção, os Bispos aprovaram e os três vieram à Espanha sagrar D. João Cabrera, estando na disposição de sagrar também um bispo-eleito português.

Como justificavam eles a sua intervenção nas Igrejas Reformadas de Portugal e Espanha?

Os egrégios prelados não ignoravam os cânones de Antioquia e Calcedónia, segundo os quais nenhum bispo ousaria passar a outra Província e aí ordenar qualquer pessoa para o ministério, a menos que estivesse munido de um convite escrito do Metropolitano e outros bispos do país para o qual fosse, e autorizado pelo Metropolitano da sua Província. Lorde Plunket dizia que tais regras primitivas deviam ser observadas rìgidamente. Eles observavam-nas porque não vinham até nós sem consentimento dos seus irmãos no episcopado e porque recebiam o convite para actuar dentro das novas Igrejas das suas autoridades máximas: os Sínodos. Isto afirmava o mesmo Arcebispo num discurso feito ao Sínodo espanhol: "*Reconheço inteiramente e respeito a independência e o carácter nacional da vossa igreja*"; "*desejo que seja muito claramente entendido, que, ao ocupar esta posição, não me arrogo qualquer jurisdição na igreja reformada, excepto aquela que essa igreja me convide a assumir*". (5). Quer dizer: eles não vinham no exercício das suas jurisdições de bispos irlandeses, mas como bispos que atendiam o urgente pedido *dum ramo legìtimamente independente da Santa Igreja Católica.* Ramo legìtimamente independente, porque era aberrante a ideia de que houvessem de ficar amarrados à hierarquia romana, ou abandonados ao único destino de se organizarem sectàriamente, aqueles que, recusando aceitar *termos ilegítimos de comunhão*, com muito sacrifício se mantinham no propósito de salvaguardar a velha fé católica.

Ao virem em nosso socorro, os bispos irlandeses, não só de modo explícito reconheciam a nossa independência, como *julgavam ser essa independência a única base legal para darem tal passo.* Na verdade, se o convite ao qual eles respondiam não fosse emitido por

(3) Light and Truth, vol. IX, pág. 27

(4) Hoje depois das Conversações de BONN, 1931, esta atitude seria impossível de manter, pois a Comunhão anglicana e as Igrejas Velho-Católicas reconheceram reciprocamente a sua catolicidade e independência, apesar dos 39 Artigos se manterem.

(5) "Light and Truth", vol. cit.

um grupo legìtimamente independente, a sua vinda às terras da Península representaria infracção da antiga disciplina católica. Portanto, não foram eles quem criou as igrejas ou lhes deu independência. Estas, como entidades orgânicas distintas de Roma, tinham, por necessidade lógica, de ser anteriores à sua intervenção. O P. Hasalmayer induz em erro quando escreve: *"Embora à Igreja Lusitana seja concedida completa independência..."* À Igreja Lusitana ninguém concedeu ou concede independência: ela tinha-a, por direito divino, antes da intervenção (pedida) de qualquer prelado estrangeiro.

Vejamos, agora, donde nasceu tal acordo.

Os reformadores eram ignorados. Na sua ira sectária, os adversários da acção dos bispos irlandeses alcunhavam-nos de heréticos. O *"Church Times"* falava do *Novo escândalo de Dublin.* O ambiente estava pesado. Impunham-se cautelas particulares. Nada se deveria objectar àcerca da doutrina e disciplina das jovens igrejas. Foi por isso que os reformadores acharam prudente seguir, o mais fielmente possível, os formulários anglicanos. Desse modo ninguém podia dizer que os bispos auxiliavam herejes. Por sua vez, os Bispos tomaram providências formais no sentido de garantirem aos seus irmãos de que essa doutrina e disciplina não seriam modificadas sem seu conhecimento.

Com esse fim, *requeriam uma declaração pelos sínodos destas igrejas de garantias idênticas às que eles, de sua livre vontade, ofereceram em 1883, nos termos seguintes:*

1) *Até que eles tenham, em cada caso, tres bispos próprios, estará associado com o seu Bispo ou Bispos, um Conselho provisório de dois ou três Bispos da Irlanda.*

2) *Durante o mesmo intervalo, o sínodo de cada igreja obrigar-se-á:*

a) *A não permitir a eleição ou sagração de qualquer bispo para a sua igreja, sem o consentimento escrito do Conselho Provisório de Bispos;*

b) *A não alterar as doutrinas, formulários, ou disciplina da dita igreja, sem prévia aprovação do Conselho Provisório;*

c) *A submeter para exame e sanção do Conselho Provisório cada resolução de carácter fundamental que possa ser proposto à adopção de um futuro sínodo.*

Os Sínodos prometeram, e eis como surgiu o tal acordo.

As suas condições devem ser entendidas em termos hábeis. Elas não implicam uma abdicação a favor do episcopado irlandês da nossa soberania, nem podiam implicar. De modo nenhum contêm a conclusão de que *o Conselho Provisório de Bispos Irlandeses possue autoridade final sobre as nossas decisões sinodais.* Isto seria atentatório do nosso constitucional princípio de independência, e a decisão sinodal que aceitasse semelhante doutrina estava ferida de nulidade absoluta. A verdade é outra, jurìdicamente, e bem diferente: o *episcopado irlandês promete dar-nos assistência se nós lhe garantirmos a nossa catolicidade, e nós fazemo-lo, sujeitando à sua apreciação as decisões de carácter fundamental que tomemos.* Uma decisão destas, tomada sem a prévia aprovação do Conselho Provisório (o que só por hipótese se admite, graças a Deus), embora nos pudesse acarretar a situação embaraçosa e a todos os títulos indesejada de ficarmos sem o auxílio episcopal irlandês, era, contudo, impecável e absolutamente válida. Portanto é também erróneo dizer-se que estamos legalmente vinculados aos formulários da Igreja de Inglaterra. Nada mais longe da realidade. Não o estamos, nem nunca o estivemos. Se o nosso Livro de Oração Comum segue de perto o inglês e se subscrevemos os Trinta e Nove Artigos da Religião, foi, pelo lado positivo, por imperativo de circunstâncias históricas, *como já*

vimos, e, pelo lado negativo, porque a doutrina e a liturgia da Igreja de Inglaterra em nada deixavam de traduzir o essencial das nossas crenças.

Demais, e impõe-se o esclarecimento deste ponto, as condições atrás indicadas vêm ao encontro do que consideramos a nossa necessidade. A supervisão nelas contidas não é o preço que pagamos dos serviços que os senhores Bispos irlandeses nos prestam, é uma parte integrante desses mesmos serviços.

Não temos bispos, por razões que em parte se filiarão no nosso elevado respeito pelo "munus" episcopal; temos, porém, um grande amor à sã catolicidade. Ora não ignoramos que, num grupo pequeno como o nosso, sem ligações com o exterior, dominado, infelizmente, pelo espírito de reacção contra o romanismo, fàcilmente se germinariam erros, fàcilmente uma personalidade mais vincada arrastaria toda a Igreja para posições duvidosas. A nossa segurança está, portanto, em que as alterações aos possíveis documentos fundamentais não são actos imponderados, concebidos na ignorância e fortalecidos na ausência de crítica, mas têm o favor de, ao menos, três Bispos da Igreja Universal não escolhidos "ad hoc". Sabemos, e daqui tiramos muita tranquilidade de espírito, que os Senhores Bispos da Irlanda, nossos amigos e não nossos missionários, não nos coagindo a aceitar o que quer que seja da sua Igreja, contudo, paternal e generosamente nos defendem dos desvios da ordem apostólica ou da verdade evangélica em que, por nossa fraqueza, pudéssemos inconscientemente caír.

Idênticas considerações se devem fazer no que respeita à sanção episcopal para a eleição dum bispo. É velho princípio apostólico de que só a Bispos compete a autoridade final na eleição de alguém para o seu grémio. O Nosso Regulamento Geral, no seu artigo XXIII diz que o *Conselho de Bispos* sancionará a eleição do Bispo feita pelo Sínodo Geral, e no artigo XVII diz que haverá uma Junta composta dos bispos desta Igreja que se denominará *Conselho de Bispos*. Este é o conselho de bispos referido na liturgia da sagração. Simplesmente, como esta Igreja ainda não tem bispos, e como nem porisso a eleição entre nós de um presbítero para essa ordem prescindiria de sanção dos representantes da mesma ordem, nòs temos ou teremos de ir pedi-la *como qualquer outra actividade episcopal*, ao Conselho Provisório Irlandês. A referência à sanção do Conselho de Bispos no ordinal, portanto, não é reflexo do acordo de 1894, como diz o P. Haselmayer. Antes, e muito antes, dessa data, já a frase se encontrava lá, reflexo sim, mas da velha disciplina apostólica consignada nos nossos cânones.

Resumindo: não há acordo algum pelo qual, a troco de visitas episcopais, cedêssemos a nossa independência. Esta é inalienável. Há, da nossa parte, um entranhado respeito pelo episcopado histórico, aliado a uma infeliz carência do mesmo; e da parte da corajosa Igreja Irlandesa, um abnegado amor pelo qual, afirmando e acautelando os antigos valores católicos, vem em socorro dos que "têm fome e sede de justiça", na frase escolhida do grande Arcebispo Punket, que Deus tenha no seu eterno descanso.

Não findarei estas notas, sem que, outra vez, cumprimente, agradecido, o P. Louis Haselmayer pelo seu belo trabalho.

Daniel de Pina Cabral
Presbítero.

SANTO OVÍDIO,
8-12-50.

Endereços do Rev. Clero e dos srs. Pregadores Licenciados da Igreja Lusitana

Rev. A. Ferreira Fiandor, **Presbítero, Presidente do Sínodo.**
Chalet da Bela Vista, Torne, Vila Nova de Gaia.

Rev. Josué Ferreira de Sousa, **Decano dos Presbíteros.**
Rua de Azedo Gneco, 4, 4.º, Lisboa.

Rev. José Pereira Martins, **Presbítero.**
Rua de Almeida Garrett, 18, Setúbal.

Rev. Augusto Nogueira, **Presbítero.**
Rua de Leote do Rego, Devesas, Vila Nova de Gaia.

Rev. Armando Pereira de Araújo, **Presbítero.**
Rua de Camilo Castelo Branco, 17, Vila Nova de Gaia.

Rev. José Maria Leite Bonaparte, **Presbítero.**
Rua do 28 de Maio, Oliveira do Douro, Gaia.

Rev. Agostinho Ferreira Arbiol, **Presbítero, secretário no Norte.**
Rua do Cativo, 6, Porto.

Rev. Eduardo Henriques Moreira, **Presbítero.**
Rua das Janelas Verdes, 32, Lisboa.

Rev. Dr. Daniel S. de Pina Cabral, **Presbítero.**
Rua do Clube dos Caçadores, Santo Ovidio, Gaia.

Rev. Dr. Luiz César Rodrigues Pereira, **Presbítero, secretário no Sul.**
Quinta do Bacalhau, Vila Franca de Xira.

Rev. Josué Ferreira de Sousa Júnior, **Diácono.**
Rua de Feio Terenas, 20, 1.º, Lisboa.

Rev. Vidal Vieira dos Santos, **Diácono.**
Rua de Gomes Freire, 68, 3.º, Porto.

Rev. Luiz Manuel Crespo, **Diácono**
Rua do Duque de Saldanha, 62, Porto.

Dr. Leopoldo Fernando dos Santos Figueiredo, **Pregador licenciado,**
Calçada das Lages, 6, Lisboa

Harold M. Flower, **Pregador licenciado.**
Rua do Rei Ramiro, Vila Nova de Gaia.

Manuel Baptista Vasco, **Pregador licenciado.**
Avenida do Conde de Valmor, 115, r. do c., Esq., Lisboa.

António Coelho de Almeida, **Pregador licenciado.**
Rua do Barão do Côrvo, 818, Vila Nova de Gaia.

Luiz Filipe Schenck Rosa, **Pregador licenciado.**
Bairro de S. Roque da Lameira, 21, Porto.

ELEMENTOS DESTACADOS NA OBRA MISSIONÁRIA:

Rev. António Pinto Ribeiro Júnior, **Missionário associado da UCC**
Caixa postal 28, Bela Vista, Angola.

Samuel de Oliveira Coelho, **Professor-missionário.**
Caixa postal 11, Bailundo, Vila Teixeira da Silva, Angola

Ecclesia

Encontra-se à venda na:

Livraria Aillaud & Lellos
Rua do Carmo, 82
LISBOA

Tabacaria Aliança
Rua de Santo António, 19
PORTO

Ecclesia

	Assinatura	Venda avulso
Império Português	20$00	6$00
Países Estrangeiros	26$00	7$50

Assinatura anual — 4 números — a tratar com a Administração ou com qualquer dos Ministros da Igreja Lusitana.

composto e impresso na tip. Rocha & Irmão Sucr.— Vila Nova de Gaia